Educação Midiática nas Escolas: formação crítica ou disputa ideológica?

Debate sobre programas educacionais envolvendo governo, organismos internacionais e escolas levanta questionamentos sobre liberdade de pensamento, papel da família e pluralidade no ensino.

Publicado em: 20/03/2026 - por: Administrador - em Blog

Nos últimos anos, o combate à desinformação tornou-se prioridade para governos, instituições internacionais e plataformas digitais. No Brasil, uma das iniciativas nesse contexto é o Mapa Brasileiro da Educação Midiática, coordenado pela Secretaria de Comunicação da Presidência da República, com cooperação da UNESCO e apoio de diversas organizações.

A proposta reúne mais de duzentos projetos educacionais voltados a ensinar crianças e jovens a compreender, analisar e produzir conteúdos em diferentes meios de comunicação. As ações incluem oficinas de leitura crítica, produção de podcasts, rádios escolares e atividades em laboratórios digitais. O objetivo declarado é fortalecer a capacidade dos estudantes de identificar informações falsas ou manipuladas e desenvolver pensamento crítico diante do grande volume de conteúdos digitais.

A educação midiática, conceito amplamente difundido no campo educacional, envolve habilidades para acessar, interpretar e avaliar informações em diferentes formatos, como jornais, redes sociais e vídeos. Instituições defendem que, em um ambiente marcado por algoritmos e circulação acelerada de notícias, essa competência se tornou tão essencial

quanto a alfabetização tradicional.

Essa proposta também está alinhada à Base Nacional Comum Curricular, que incentiva o uso crítico e responsável das tecnologias. Nesse contexto, a escola passa a ter papel importante não apenas no ensino da leitura, mas também na formação de usuários conscientes da informação.

Apesar das intenções pedagógicas, a iniciativa tem gerado críticas em setores políticos e religiosos. Alguns analistas apontam que a definição do que é “desinformação” pode se tornar sensível quando envolve instituições estatais e organismos internacionais. O receio não é a educação midiática em si, mas a possibilidade de centralização do discurso e influência na forma como estudantes interpretam temas políticos, culturais e religiosos.

Essas preocupações aumentam quando conceitos amplos, como “discurso de ódio”, “justiça social” e “combate à desinformação”, podem ser interpretados de maneiras diferentes conforme o contexto ideológico. O debate ganhou ainda mais força com discussões legislativas sobre a regulamentação das plataformas digitais, especialmente no âmbito do chamado Projeto de Lei das Fake News.

Outro ponto levantado por críticos é o contraste entre os desafios básicos da educação brasileira e a ampliação de programas voltados à análise da mídia. Dados internacionais indicam que muitos jovens ainda apresentam dificuldades de interpretação de texto. O Brasil, por exemplo, obteve desempenho abaixo da média em leitura em avaliações internacionais, o que levanta questionamentos sobre prioridades educacionais.

Diante desse cenário, surge a dúvida: antes de aprofundar o ensino de análise crítica da informação, não seria necessário garantir que todos os estudantes dominem plenamente a leitura e a compreensão textual?

O debate também envolve o papel das famílias na formação das crianças. Muitos educadores defendem que o pensamento crítico deve ser construído de forma conjunta entre escola, pais e comunidade. A educação midiática, nesse sentido, deveria atuar como complemento, e não substituição da formação familiar.

Especialistas sugerem que o desenvolvimento do pensamento crítico passa pelo incentivo ao contato com diferentes fontes de informação, pelo estímulo ao debate respeitoso e pela capacidade de distinguir fatos, opiniões e interpretações.

A discussão sobre educação midiática permanece aberta. Em uma sociedade cada vez mais conectada e marcada por disputas de narrativa, o desafio central é ensinar jovens a navegar no ambiente informacional sem restringir a pluralidade de ideias.

Enquanto iniciativas institucionais buscam enfrentar o problema da desinformação, críticos destacam a importância da transparência, da diversidade de perspectivas e da participação da sociedade no processo.

Apesar das divergências, há um ponto de convergência: formar cidadãos capazes de pensar de forma autônoma é uma tarefa complexa, mas essencial para o futuro da educação e da democracia.

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=5eOqmqytqvY